

18º Congresso Brasileiro de Sociologia
26 a 29 de Julho de 2017, Brasília (DF)

Grupo de Trabalho:

Governo, subjetividades e gestão de populações: mudanças e perspectivas nas
periferias

Memórias do “Maraca”: nas fímbrias da cidade e à margem do espetáculo.

Rafael Willian Clemente

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ

1. Introdução.

Arriscamos um palpite: não haveria futebol sem uma categoria essencial para vários aspectos do jogo. Os torcedores. Eles são responsáveis pelo incentivo, mas também podem “jogar contra” o time. Fazem cair técnicos, “trazem” ou afastam jogadores, perseguem aqueles que não demonstram resultados satisfatórios ou uma entrega razoável em campo, tem apreço ou desprezo por determinados jogadores e até se relacionam de maneira direta e amigável com alguns. Podem fazer do estádio um espetáculo, com fogos de artifício, instrumentos musicais, mosaicos, mas também levar o caos os espaços torcedores quando se utilizam de violência. São “organizados”, “uniformizados”, “femininas”, “jovens”, “*queers*” ou sem vinculação alguma. Categorizar essa “categoria”, se assim podemos chama-los, é um desafio para qualquer pesquisador. Ela, por si só, possui múltiplas facetas.

No Brasil, a palavra *torcer*, como identificador daqueles que apreciam o futebol e escolhem um clube como preferencial se originou no início do século XIX, quando a implementação de clubes de futebol começou a levar aos estádios uma parcela de jovens e adultos da *high-life* com seus lenços. Estes eram torcidos no decorrer da partida e logo o ato daria nome àqueles que se dirigiam às arquibancadas para, enfim, torcer por uma agremiação. Na Itália são *tifosi*, ou seja, associados ao tifo, uma patologia epidêmica, contagiosa e parasitária. Seria o futebol essa doença contagiosa? Muito provavelmente. O esporte mais popular do mundo não detém esse título à toa e não lhe foi outorgado da noite para o dia. Ainda que hoje seja visto como um jogo simples, capaz de se fazer entender tanto pelo doutor quanto pelo iletrado, ele – o futebol – passou e passa pelas diversas classes sociais. Desde sempre arrastou um público invejável a outros esportes, que se valem da preferência regional para angariar multidões aos seus parques esportivos. O *football* americano tem sempre seus campos cheios, da primeira à última partida da temporada. Mas restringe sua popularidade a América do Norte. Já o futebol, de bola nos pés, é popular na China, Brasil, na Islândia. E só é popular aquilo que requer povo e atinge o gosto do povo. No âmbito deste trabalho nos concentraremos em algumas poucas entrevistas realizadas com torcedores que, por fatores socioeconômicos estão, diretamente afastados do estádio de futebol.

2 Memórias do “maraca”: novos e velhos locais; novos e velhos personagens.

“Que saudade do velho Maracanã!” Foi exatamente dessa forma que se iniciou uma das primeiras entrevistas que realizei próximo ao Estádio Mário Filho. Era quase fim de tarde de uma quarta-feira, 12 de agosto de 2015. Havia marcado encontro com dois membros de uma torcida organizada no centro da cidade, mais propriamente em um bar próximo ao Teatro Municipal. Já tinha se passado uma hora do horário predeterminado e nenhum dos meus possíveis entrevistados estavam presentes. Pelo celular enviei mensagens, sem retorno. Restava esperar mais um pouco, pois ambos trabalhavam também por aquelas redondezas. Como as horas passavam e parecia ter minha tentativa frustrada me dirigi ao Maracanã. Como atividade para não perder a viagem pensei que pelo menos poderia fazer abordagens ao redor do estádio, já que era dia de jogo. Cheguei já com um pequeno movimento de torcedores e ambulantes. Parei próximo a um grupo de jovens que pareciam estar em êxtase por estarem ali pela primeira vez. Talvez seria um bom grupo para responder algumas perguntas, mas desisti e me volvei a um ambulante credenciado por uma empresa de sorvetes, no intuito de comprar algo para me saciar. Ele também observava aquele grupo, provavelmente com o intuito de lhes lançar um olhar que chamasse a atenção ao seu produto. Quando me volvei a ele, aquelas palavras me foram dirigidas. E prosseguiu: “eles ó, não viram nada!” Fiz-me de desentendido, mas no fundo já sabia do que ele falava. Foi aí que me apresentei formalmente; por ter visto ali, por detrás daquele jaleco azul e um carrinho de picolé, um torcedor.

José Ananias, migrou para o Rio de Janeiro na década de 1960, mais precisamente em 1967. Chegou com dois irmãos mais velhos e o pai, vindos de São João Nepomuceno. Torce pelo Flamengo desde os 11 anos de idade, quando deixou a cidade mineira e em busca de trabalho foi morar na Penha com um tio e os recém-chegados. É aposentado, mas “faz bicos” para complementar a renda e ajudar a manter filhos e netos. Quando iniciamos, nossa conversa-entrevista eu deixei claro que não iria lhe atrapalhar no seu ofício e quando necessário poderia se afastar sem problemas. Eu lhe perguntei o que aqueles jovens que se revezavam em fotos diante do estádio haviam deixado de ver.

Ah, eles não viram o Maracanã de verdade. Você viu? Esse aí é só plástico. O que que há lá dentro? Vê na televisão que é colorido – se referindo às cadeiras –, mas não parece nem de longe com o Maracanã de antes. O último

jogo aí que me arrepiou foi o Flamengo campeão – Campeonato Brasileiro de 2009. De resto, meu filho é plástico. Plástico e caro.

Questionei quais as diferenças daquele Maracanã de 2009, desse construído para a Copa de 2014, já que muitas das modificações internas naquele ano já haviam sido feitas.

Não, mas tem. Claro que tem. Acho que está menor. Não está? Não cabe tanta gente mais não. Está diferente. Eu nunca vi muita gente mais. Ó vai ver hoje, como vai ficar.

Ponderei o que de fato estava diferente nas estruturas do estádio nas épocas que ele citara. Em 2009, Flamengo e Grêmio fizeram o jogo do título do Campeonato Brasileiro no Estádio Mário Filho. A decisão do campeão ficou para última rodada, com mais dois times, além do rubro-negro, com chances de conquistar o título. O público que assistiu àquela partida, por si só era um dos diferenciais. Foram 84.848 mil torcedores, para uma totalidade de 87.000 lugares. Atualmente são pouco mais de 78 mil lugares. De fato, naquela quarta-feira, pouco mais de 20 mil torcedores adentraram ao Maracanã para assistir Flamengo vs. Atlético-PR, também pelo Campeonato Brasileiro.

Continuamos conversando sobre a frequência que ele ia ao estádio e se naquele “novo Maracanã” tinha menos emoção que no “velho”. Quais seriam as causas e as consequências disso. Sr. José alegou que não sabia as causas, mas que a consequência era a que ele próprio não frequentava mais aqueles espaços tão desconhecidos agora, mas tão conhecidos de outrora.

Em parte, porque a vida tinha lhe dado mais responsabilidade com a chegada de dois netos e a diminuição da renda pela aposentadoria. Aliás, não ganhava horas extras mais.

O dinheiro vai para outra coisa, né. Mas eu sou mais velho. Tem que trabalhar um pouco mais e nem sobra tempo. Hoje que eu estou aqui para vender no jogo, senão ficava mais perto de casa.

Acho que é mais caro que antes. Eu vinha com meus irmãos e ficávamos na Geral e até a arquibancada era barata. A gente pegava uns trocados e vinha pra cá. Passeava, via jogo, bebia, saía sem hora pra chegar em casa. Pela televisão a gente vê sempre vazio. Na Copa encheu, né! Mas aí era caro demais. Como eu ia pagar pra ver jogo. Até queria, mas não dava não. Quanto tá hoje? Acho que se eu vender o carrinho todo da pra gente ir.

Com o horário daquela partida se iniciando agradei e fui percorrer mais o estádio para realizar algumas outras entrevistas. Eu procurava pessoas aparentemente de mais idade, visto que a questão aparência poderia ser traduzida como vivência do estádio em outras épocas. Uma hipótese que por vezes foi contrariada sob diversos aspectos. Um deles, o fato de que nem todos que viveram os “tempos áureos” acharem que aqueles foram os melhores tempos do estádio.

Consegui ter contato visual com um grupo de quatro homens que estavam com a camisa de uma das mais antigas torcidas organizadas do Flamengo, a *Raça Rubro-Negra*. A torcida foi gestada entre os anos de 1976/1977 com o intuito de modificar a forma como o clube se comportava em campo, pois, apesar de ter bons resultados, o Flamengo não conquistara nada de mais expressivo. Daí, após uma dissidência com a Torcida Flamar e um hiato de alguns meses, era criada uma campanha que se utilizou de cartazes colados ao redor e dentro do estádio, além de vinhetas em programas de rádio com a chamada “*vem aí o maior movimento de torcidas do Brasil*”. Uma nova forma de torcer e “empurrar o time”. Além disso, também gostariam de implantar um novo *modus operandi* nas próprias arquibancadas do Maracanã, com diferenciais às antigas charangas musicais e outras torcidas de menor expressão dentro do estádio, com mais bandeiras, fogos de artifício e cantos de incentivo durante os jogos.

Ao identificar-me, automaticamente os três pararam e me foram solícitos, mas estavam apressados para encontrar a outra parte da torcida e perguntei se poderia acompanhá-los enquanto conversávamos “informalmente”. Fomos falando sobre o momento do futebol brasileiro e mundial e Cristiano, de 42 anos, o mais velho entre eles, revelou que seu filho, de 7 anos, torce mais para o Barcelona que para o Flamengo. Um dado não tão incomum em tempos de futebol globalizado e com toda a mercantilização do esporte. Ponderava sobre o fato de o Barcelona além de ter uma equipe sempre muito competitiva, contar em seus escotes com jogadores brasileiros, o que ajudava a criar todo esse mantra juvenil de identificação com o clube catalão.

Quando entramos no assunto Maracanã comecei a questioná-los, de acordo com meus objetivos. Marcio, de 37 anos, começou a frequentar muito cedo o Maracanã, por conta de um tio que o levava, já que o pai não gosta de futebol. Sua opinião é a de que o estádio hoje é mais confortável e mais bonito do que nas décadas de 1990, quando começou a “entender mais de futebol”. Segundo ele isso não quer dizer que o estádio seja de fato, melhor que antes.

Em partes, acho pior. Você vai ver que hoje vai ter pouquíssima gente. Em um jogo desses as pessoas vinham para ver o time, mesmo jogando mal, mas vinham. Não era estádio cheio. A torcida vinha com raiva, para protestar. Lembro do meu tio jogar uma nota de R\$ 1 e ela cair no fosso. Eu fiquei olhando e pensando que eu estava com fome e aquela grana poderia ter sido minha. Um real na época era muito dinheiro para um moleque de 15 anos. Gostava do Maracanã mais espaçoso. Era mais interessante. Às vezes eu ficava rodando de um lado para o outro quando vínhamos para a Geral. Aquilo era loucura. Tinha de tudo. A primeira vez que vi um seio ao vivo foi ali. Simplesmente uma mulher tirou os seios para fora no meio da gente. Foi delírio geral.

Mas hoje o estádio é mais limpo, mais organizado. Mas “to” dizendo aquele Maracanã era bem mais divertido.

A fala de Marcio, como na grande parte daqueles que sentem faltado “velho Maracanã” vai no sentido da construção das nossas memórias afetivas a partir de um selecionado de lembranças. Delas surgem os espaços de emoção. Numa ligação psicológica entre o fato ocorrido e o constructo realizado pela mente nasce todo esse arcabouço das lembranças. Sejam boas ou más. Reais ou fantasiadas. Para Halbwachs (2006) todos os caracteres impressos naquilo que se nomeia como memória, só são possíveis a partir dos problemas no binômio recordação-localização quando se leva em consideração os contextos sociais vividos. O espaço do Maracanã seria esse espaço “encharcado” das emoções vividas e ali construídas.

Daquele dia consegui agendar para dali há alguns dias um com encontros com dois torcedores ligados àquela organizada. Voltando ao Rio, nos encontramos em um restaurante na Vila Valqueire. Carlos André, o Chico, é membro da torcida *Raça Rubro-Negra* desde 1989. Segundo ele, sua entrada se deu justamente pela identificação com aquela maneira de torcer e muitos foram os bons momentos, mas também de algumas derrotas e tristezas. Começamos falando sobre o documentário “*Fla-Flu, 40 minutos antes do nada*”, de Renato Terra, lançado em 2013. A introdução de nossa conversa girou sobre as nossas frustrações quanto aos nossos respectivos clubes. Alegria de um, tristeza do outro. Chico, contou que estava no Maracanã em 25 de junho de 1995 e aquela tinha sido a sua maior frustração até os dias atuais. Para rubro-negros o fatídico 25/06 está marcado na memória como o dia do “gol de barriga” de Renato Portaluppi, o Renato Gaúcho. Com um público que ultrapassou os 112 mil presentes, em sua maioria de rubro-negros, o Maracanã foi palco de uma decisão histórica para ambos os times. O Flamengo possuía três jogadores remanescentes da seleção brasileira campeã do mundo de 1994. Romário, Branco e

Mazinho haviam levantado a taça na Copa dos Estados Unidos. Já o Fluminense contava com um time modesto. A estrela do time era Renato Gaúcho, já não tão novo quanto antes, quando inclusive jogara pelo rubro-negro.

“Bicho, eu me lembro como se fosse hoje. Só tinha flamenguista no Maracanã naquele dia. A torcida do Fluminense era pequenininha. O Maracanã rubro-negro. Aí, sai aquele gol. Na hora eu não vi. Só fui ver em casa, mesmo assim não quis nem ver de muito perto não. Só olhei assim e sai pro quarto, com raiva. Eu estava bandeirando. A torcida já estava cantando e comemorando, porque o empate era nosso. Aí o [...] do Renato faz aquele gol. O Maracanã morreu.

Perguntei se depois daquele dia havia tido outro jogo com a mesma intensidade tanto no campo como nas arquibancadas e como ele avaliava o estádio atualmente.

É muito diferente você ter cem mil cabeças do seu lado gritando. Hoje só dá pra ter oitenta mil e olhe lá. Se pro torcedor já é de tremer as pernas, imagina o jogador que vai pro campo? O Maracanã nunca foi “caldeirão”. Porque era muito grande, mas era por isso que o grito ecoava ali dentro. Pô, um inferno, não é parceiro?! A torcida do Flamengo faz aquele coro. Imagino como deve ser do outro lado ouvir aquilo. Eu vejo que realmente é outro estádio. Outro. [...] o Maracanã tinha alma. A alma era essa torcida gigantesca. De todo canto da cidade. O coração apertado ao subir a rampa e bater de frente com aquela massa de gente pulando, cantando, tudo muito colorido. Hoje a gente faz festa, não é a mesma. Mas é bonita também. Mas não a mesma coisa. Pô, meus filhos não viram aquele campo gigante. O gigante do Maraca. Eu ouvi o: “a Suderj informa”... Fora que o futebol era melhor, não é? Pô, Zico, Júnior, Pet (Petkovic), Leandro, Romário, Bebeto... Cadê esses caras hoje em dia? O futebol tá ruim, mas a gente gosta não é? Fazer o quê?

Questionei se havia muita violência no Maracanã, se já havia presenciado brigas, confusões, tanto entre torcedores quanto da polícia.

Cara, a coisa começou a ficar tensa mesmo nos anos 1990, mas aí era o Rio todo assim, não é? Eu já vi briga, mas nunca fui de brigar. Estádio é pra se divertir. É lógico que se você bater de frente e não der pra sair. Dá com a bandeira que pra afastar, mas se der pra evitar. Torcedor não é violento não. Claro, tem aquele mais exaltado. Mas se todo mundo estiver de boa, esse a gente controla. Eu já vi nego armado no Maracanã, mas devia ser polícia. Tem gente que passa arma escondida ou é conhecido de polícia, mas a gente mesmo só briga pra proteger. Hoje tem mais controle. Quando tem jogo olha a quantidade de polícia! Clássico então. Mas tá mais tranquilo.

Todo o discurso de Chico é o de um torcedor que além de ser um apaixonado por seu clube, é também apreciador de futebol e também das antigas formas do Maracanã. Em nosso encontro ele sempre mencionara sua paixão pelo seu clube e alguns imbróglis particulares em que se metera por causa da sua ida aos jogos, tanto no Maracanã, quanto em outros estádios pelo Brasil. O mais longe que chegara a ir

foi a Bahia, numa caravana da torcida para assistir a um jogo “que não valia nada”. Em sua visão o espaço do *New Maracanã* não prejudica o ato de torcer, mas havia uma certa predileção por aquele “antigo Maracanã”. Há nos discursos toda a representação que os torcedores fazem daquele objeto Maracanã. O estádio não é um objeto isolado da vida desses apreciadores do futebol, arriscamos a dizer que nem mesmo da cidade. Ele é símbolo, em uma relação dialética, da vida individual e coletiva. Até mesmo quem não gosta do esporte tende a apreciar o monumento que de fato é o Maracanã.

As relações dos torcedores no espaço do Maracanã em alguns casos se mostram bem diferentes das épocas, como demonstra o depoimento de Reinaldo Oliveira Filho. Torcedor “enlouquecido pelo Flamengo”, como se denomina, e morador de Bento Ribeiro - subúrbio carioca -, aos 72 anos já perdeu as contas de quantas vezes foi ao Maracanã. Sr. Reinaldo me recebeu em sua casa no bairro “onde se toca samba o ano inteiro”, como dizia o samba *Depois de Madureira*. O conheci através de seu filho, Reinaldo Júnior, também rubro-negro, a quem entrevistei no Maracanã. Ele quem me indicou seu pai. Disse-me: “Ele tem histórias de lá. Mas vai ter que ir lá em casa.” Logo me prontifiquei para alguns dias depois. E chegando fomos a entrevista.

- Ia muito. Era acordar, almoçar, brincar com as crianças e ia pro bar. Dali pegava o trem e ia. Antes do trem era a condução mesmo. Vi de tudo naquele lugar. Ganhar, perder... mas, mais ganhar do que perder. É Flamengo, não é! Tive tristezas medonhas como o pênalti que o Tita perdeu [Vasco x Flamengo em 1977] e algumas pro Casal 20 [referência a Assis e Washington do Fluminense], negros desgraçados! Mas vi Zagallo, Tita, Adílio, Galinho de Quintino [Zico], Júnior, muita gente boa. – Você viu seu time campeão do mundo, meu filho? Eu vi o meu!

Indaguei sobre quais lugares que ele frequentava no Maracanã.

Ah! Em tudo! Já vi jogo dentro do campo! Tinha um sujeito que trabalhava lá e ele punha uma *cambada* pra dentro. Se fosse jogo sem importância, desses aí contra Americano, Olaria a gente via de pertinho. Mas ia muito pra geral mesmo, perto do fosso, ali era barato, isso quando pagava e ficava gritando e com o radinho no ouvido.

Sobre hoje Sr. Reinaldo diz que não vai mais por causa da saúde.

Meu filho vai. Diz que é bonito. Eu só vejo na Globo né. Agora tem a pirata também [tv a cabo sem assinatura oficial] aí passa tudo.

Em outro jogo, andando pelas arquibancadas – agora cadeiras numeradas – do estádio me aproximei de um grupo de torcedores que me chamaram atenção por

vestir as antigas camisas da torcida “Charanga”, uma das primeiras organizadas do Brasil e muito reconhecida entre os antigos frequentadores do Maracanã e aparentarem a experiência da idade. Aqueles torcedores, não eram frequentadores ocasionais, possivelmente tinham história no estádio. Ao me identificar como um pesquisador a receptividade foi instantânea. Expliquei alguns motivos de estar ali e a primeira pergunta foi evidente, a ouvi muitas vezes durante as entrevistas. – Você torce pra quem? Algumas vezes omitia a resposta desconversando ou mencionando uma agremiação mineira. Em outras dizia a verdade, geralmente quando me sentia confortável para dizê-lo, ou percebia que a identificação não traria prejuízo a entrevista e conseqüentemente à pesquisa. Ali dentro, em meio à torcida, omiti. Mas Sr. Manoel, talvez o mais experiente deles logo entendeu minha posição. A minha pergunta foi simples e objetiva. – Essa é mesmo a torcida do Clube de Regatas do Flamengo? Sr. Osmar, de relance respondeu com uma dose de sarcasmo: - Não aparenta ser a do Vasco. Não é! Eu sorri e procurei detalhar. Logo, o próprio mencionou:

Ah! É. Mas pode olhar aí que tem muito tipo que não é torcedor de arquibancada. É isso que você quer saber?

- Tem pouco preto! (Completo Manoel) Olha aí. Eu vi no Globo Esporte isso aí, mas tem. É que não dá pra entrar de graça como era antes.¹

- Tudo aí é Flamengo p.... Claro que é. Mas tem mais gente de outra categoria (classe). Tem preto rico, preto pobre, branco pobre, da comunidade. Mas não está misturado. Pode pagar, vem. Pode pagar melhor vai pra lá (camarotes)

A fala dos torcedores parece demonstrar que nem todos os espaços estão destinados ao mesmo nicho social e a distinção começa justamente na precificação dos ingressos. Daí uma divisão daquilo que se pode pagar, ou não, para assistir a uma determinada partida. E isso se percebe com a própria relação da renda, com a precificação do acesso e mesmo a ausência dos chamados ingressos populares – com preços baixos e acessíveis a qualquer faixa de renda. Um modo que fora abandonado pela administração privada do estádio.

Um cruzmaltino chegou até a mim a partir de um contato inesperado. A maioria das vezes que me deslocava até a “cidade maravilhosa”, o fazia a partir da cidade de Paracambi, pelos trens da Super Via. A conexão Japeri-Central do Brasil me levava ao centro do Rio num período de tempo bem mais curto e menos custoso se feito de

¹ A reportagem mencionada não foi encontrada nos arquivos do programa esportivo.

ônibus na linha Volta Redonda-Rio de Janeiro. Era descer a Serra das Araras de carro, estacioná-lo em Paracambi, pegar o trem, fazer a conexão no Ramal Japeri e cortar grande parte da Baixada Fluminense e saltar na Estação Central do Brasil. Dali o deslocamento para qualquer parte da cidade era mais fácil. A volta se dava da maneira inversa, com o diferencial de geralmente ser o “horário do *rush*”. Ou seja, trens superlotados e uma demora um pouco maior de deslocamento, além do cansaço pelas atividades realizadas e da própria viagem. Pois bem, eu fazia o trajeto de retorno do Rio de Janeiro. Havia passado a manhã de uma sexta-feira (18/09) na Biblioteca Nacional no setor de periódicos. Após o almoço havia a possibilidade de realizar uma entrevista com um membro de um movimento de torcidas. Para isso teria que me deslocar até a Pontifícia Universidade Católica (PUC-RJ), na Gávea. O tempo era um tanto escasso, mas fiz o planejado. Saindo do bairro da Gávea já pelas 18h, a chegada até a Central do Brasil se deu após 20h. Encarei o trem lotado, mas com grande parte do serviço de pesquisa colhido e uma entrevista no gravador. A viagem de trem por si só é uma atividade sócio antropológica, é um mercado sobre trilhos, com preços muito abaixo do praticado no mercado oficial, digamos assim. Trabalhadores que vivem à margem desse mercado de consumo e forma de trabalho que entram nas estatísticas ou no CAGED (Cadastro Geral de Empregados e Desempregados).

A viagem já estava quase no fim e o trem já esvaziara o suficiente, já que uma parcela significativa dos passageiros desce na Estação Nova Iguaçu. Já era possível se locomover no seu interior e mesmo achar um assento, o que fiz, quando veio até o vagão um senhor esguio e baixo com um gancho nas mãos. Preso a ele vários sacos plásticos com barras de chocolate no interior. O vendedor parou em pé bem a minha frente e anunciou a promoção.

- Freguês! Promoção pra queimar o estoque! Tá mais barato que no Guanabara ou no Mundial. São dois por um real. Vai levar, patrão?

Fiz uma compra, coloquei na mochila e ele se sentou na poltrona ao meu lado se dizendo cansado, pois o dia havia sido puxado. Aquele era o terceiro ramal no dia e o seu produto ainda não havia sido vendido ao todo. Mas segundo ele já estava de bom tamanho. Eu lhe disse que o dia também tinha sido corrido e que voltava para Volta Redonda.

- Mas o trem só vai até Paracambi! O resto “tú” vai de ônibus?
Expliquei o motivo e a forma do meu deslocamento. E ali descobri Antônio Silva Pereira, 52 anos, morador de Vigário Geral, vascaíno e um “ex-torcedor”. Como se

definiu. Perguntei se ele ia até o final do trajeto, em Japeri. Pois já se passava das 21h e havia a volta.

- Vou até lá e depois pego a volta.

Sua volta seria demorada. Iria até a estação Maracanã, fazia a integração com o Ramal Saracuruna e saltava em Vigário. Chegaria em casa pelas 23.30h, mas não trabalharia no dia seguinte porque estaria cansado e precisava resolver coisas.

Por que você é um ex-torcedor?

Sabe como é, não é, irmão?! Já sofri muito por futebol. Ficava sem comer, só bebendo e vendo jogo. Ai os caras lá ganhando milhões e a gente suando aqui pra ganhar uns trocos. Osso! Além disso, três rebaixamentos? Haja coração! O time não merece mais. Já torci muito. Ia de ônibus, trem, carona... pra São Januário, Maracanã... Chega o trabalho, pô. Eu gosto de futebol. Quem não gosta, mas estádio. Tô fora! E ninguém mais quer pobre no campo, não.

Enquanto a viagem seguia parecia que o cansaço havia tomado Antonio que preferia ser entrevistado por mim do que andar pelos vagões restantes para realizar suas vendas. Como havia frequentado o Maracanã, perguntei o que ele achava do estádio, das reformas, da Copa do Mundo, se havia ido a algum jogo no novo estádio.

Olha, no Maracanã – após as reformas – eu só fui trabalhar. Até pensei em ir ano passado no último jogo do Vasco, foi lá. Mas pensei bem. Minha patroa chiou, ai eu fiquei em casa. Vi em casa. Sofri em casa, não é?! Mas fui ao redor. Na Copa nem trabalhar a gente podia. Era guarda, polícia, segurança. Tinha que ficar em outros lugares e só no trem mesmo.

Nesse momento eu o interrompi por uma curiosidade. “A Copa” havia o impedido de realizar seu trabalho cotidiano?

Rapaz, a rapaziada imaginou que ia tirar um troco extra com os gringos. Mas a gente não pode chegar nem perto do estádio e em dia de jogo aqui no Rio, no trem, também ficou complicado. Tinha lugar que não podia entrar ambulante, nem morador. Eu fui para Copacabana, fiquei em Botafogo, trabalhei no Saara com um vizinho. A gente vai se virando.

Quando voltamos ao assunto “Maracanã” uma senhora o interrompeu e comprou seis chocolates ao preço de R\$ 3, pagos em moedinhas.

-Tá acabando, freguês. Aproveita que está descendo e leva aqui, campeão!

Após a breve propaganda voltamos a falar sobre o estádio e de onde ele gostava de ficar.

Ah, eu fui muito. Sempre morei ali. Penha, depois Vigário Geral. É longe, mas ia muito. Sempre de “mulão”. Encontrava uns amigos, chegava no ônibus, no trem e ia.

Até pela condição a gente pagava a Geral. Mas de vez em quando rolava arquibancada. Mas não era esse preço de hoje não. Dava pra ir tranquilo. É que sempre fui de economizar pra fazer outras coisas, tomar uma cerveja, umas cachaças... O Maracanã era acolhedor. Abraçava a gente, a gente abraçava o time e assim ia. Era aquele calor de gente. Cheio ou vazio era bacana. Mas vivia mais cheio que vazio. Eu até sacaneei um amigo meu. A torcida do Fluminense agora é azul e amarela – as cores das cadeiras do Maracanã. Mas na verdade tá todo mundo assim. Quem vai pagar cinquenta contos pra ir no campo? A gente se reúne, compra uma alcatra, Brahma a rodo e faz uma festa lá. Faz isso direto. O Ingresso custa R\$ 50? Pega R\$ 10 de cada um, aí. Fecha o bar e assiste lá. Antigamente com R\$ 10 a gente pagava pra cinco cabeças. O que é mais negócio? Ficar em casa, no botequim, no vizinho. Acabou o jogo tá dentro de casa e ainda gastou pouco.

Perguntei sobre a diferença de ir ao estádio e assistir em casa. Mas Antonio decidiu saltar em Engenheiro Pedreira e pegar o trem de volta e a resposta foi breve:

- Melhor estádio. Melhor o Maracanã dos pobres.

O contexto de classe é uma marca muito presente no discurso de Antonio. O lugar de onde se fala é o lugar de onde se vive e Antonio é um trabalhador que naquele momento se encontrava fora do mercado de trabalho formal. Era um morador da periferia que mantinha um vínculo com o seu clube e com o estádio que “acolhia” ao contrário desse estádio e de eventos que segregam, como a Copa que por suas razões não permitiu que “ambulantes” realizassem seu trabalho nas imediações do Maracanã. Dessa forma o “ex-torcedor” que se desiludiu com seu time, mas também com o universo do próprio futebol – o futebol dos milhões e dos astros, no senso comum o futebol moderno – deixa de realizar algo que aprecia e admira, tanto por motivos financeiros quanto por questões inerentes a sua preferência de torcer. Mas arrisco dizer que interpretando a fala e o comportamento daquele trabalhador era mais uma questão econômica que um desamor pelo seu clube de coração.

No dia 4 de fevereiro o Barra Mansa F.C voltava à primeira divisão do Estadual em um jogo contra o Flamengo, no Maracanã. A expectativa para o jogo era muito grande, tanto por parte dos torcedores do “Leão do Sul”, quanto dos próprios jogadores. Muitos deles pisariam pela primeira vez nos “gramados sagrados do Maraca”, como me disse João Viana, dono do bar na periferia da cidade, que também serve de sede da torcida alvi-azul. A prefeitura da cidade, juntamente com a Torcida Organizada Mancha Azul, mobilizou uma pequena caravana rumo a cidade do Rio. Consegui embarcar junto aos mesmos, a fim de observar aquela experiência ímpar

para os muitos, que às 16h começaram a se concentrar no centro da cidade à espera dos ônibus que partiriam às 17h rumo ao Maracanã.

A expectativa era a de no mínimo empatar com o rubro-negro, mas além disso “encontrar casa cheia”. Sr. João deixou o bar fechado naquele dia. Só os membros da torcida tiveram acesso para pegar os materiais. Às 15h ele chegara ao “Jardim das Preguiças” – um parque ecológico de cem anos, rodeado por lojas comerciais e a linha do trem. Perguntei sobre a expectativa de ver seus dois times do coração se enfrentarem e a expectativa de ir ao Maracanã pela primeira vez.

Ah, meu filho. Essa noite eu nem dormi direito. Acordando toda hora pensando que ia perder o ônibus. Parece até decisão. Mas é o segundo jogo do Barra Mansa. Imagina se “nós chegarmos” na final? Olha a festa! Eu já quis muito ir ao Maracanã, mas nunca dava. Agora o prefeito arrumou essa pra gente, vamos lá. É o estádio da Copa. Deve ser muito lindo. Tô até meio nervoso. Preocupado também. Esse bando de jovem. A gente fica responsável. O Rio tem muita morte, roubo. Fico com medo também. Mas Deus vai na frente. É por uma boa causa.

Enquanto entrevistava Sr. João a torcida chegava cantando “gritos de guerra”.

- “Vamos fazer o Maracanã tremer. É o Leão do Sul!” Gritou um dos jovens.

Leandro Gierard tem 33 anos e além de tricolor torce também pelo Barra Mansa.

De vez em quando eu vou ao Maracanã. Fui muito no Engenhão. Mas ainda não fui depois da Copa. Deve pela TV é bem bonito, vamos ver de perto. Vamos ver se o Barra Mansa vence. É difícil, mas nada é impossível no futebol. A torcida do BM vai. Mesmo pequena vamos fazer barulho!

Nilson Nicolau, tem 62 anos. Nasceu e cresceu em Barra Mansa e reside bem próximo ao estádio do Barra Mansa, localizado no bairro Colônia Santo Antônio. Atualmente por motivos de segurança e por não atender a diversos itens, a FERJ não autorizou a realização dos jogos do Campeonato Carioca no Estádio Leão do Sul. Um estádio modesto, com capacidade oficial para para oitocentas pessoas, mas com recomendação do Corpo de Bombeiros de receber até quinhentas. O estádio não possui iluminação noturna e conta com uma única entrada para torcedores. Sr. Nilson conta que ia a pé ver os jogos e que mesmo o Barra Mansa tendo um péssimo time ele gosta de acompanhar. Também iria pela primeira vez ao Maracanã. Apesar de torcer pelo Fluminense só vê o time quando ele joga na cidade vizinha de Volta Redonda, onde por sinal, o Barra Mansa mandará seus jogos.

Só vou porque um vereador amigo me deu dois ingressos. Senão não iria. Mas animei porque os amigos também vão e espero conhecer o Maracanã de perto. Nunca fui. Meu filho vai sempre. Diz que é bonito. Vamos lá ver.

Às 17.30h partiram dois ônibus levando os torcedores ao Maracanã. Fui no ônibus onde se concentrava a organizada Mancha Azul. O começo da viagem estava bem animado. Cantos, gritos de guerra, provocações regionais com as torcidas de Volta Redonda e Resende. De vez em quando um membro gritava “Vasco” e era vaiado, “Nense”, “Mengo” e as vaias se repetiam. Isso mostrava que os times regionais, geralmente de menor expressão, dividem seus torcedores com os clubes da capital. Sentei-me ao lado de Magno, 23 anos. Não estava com a “turma dos fundos” do ônibus, mas vestia uma camisa branca com a logo da torcida estampada: “o terror do Sul do estado”. Também é torcedor do Flamengo e aproveitaria para ver o time.

Quem ganhar tá bom. Mas queria que o Barra Mansa não perdesse feio. E também permanecesse na primeira (divisão). Eu gosto de futebol. Faço Educação Física por isso. Quero trabalhar com fisiologia esportiva.

Magno nunca havia pisado no Maracanã, sendo aquela sua primeira vez. Achava, no entanto, que a experiência seria interessante para ver de perto um estádio que fora usado na Copa. Sua expectativa era a de encontrar instalações modernas e tecnológicas no estádio. Acostumado a tão somente ver pela televisão ou em jogos que o Flamengo realizava em Volta Redonda, conhecer o “Gigante do Maracanã” era uma vivência distinta.

Estou levando câmera para tirar muitas fotos e mostrar pra galera. Espero que tenha muita torcida. Nós somos poucos, mas quero ver a do Flamengo.

A expectativa dos organizadores daquela caravana era a de preencher ao menos cinco ônibus. O que não ocorreu. Foram apenas 73 torcedores em dois ônibus fretados, vale dizer, todos homens. Nem mesmo na organizada havia mulheres.

Após conversarmos, me dirigi ao fundo do ônibus para observar mais de perto a coletividade. Perguntei de maneira geral o que esperavam do Maracanã e quem estava indo pela primeira vez. A maioria daqueles torcedores não tinham entrado no Maracanã, com exceção de três jovens que também faziam parte de outras torcidas organizadas. Esses iam ao Maracanã com mais frequência. Um deles advertiu: “Não

tem nada demais. É como qualquer outro. Só que novo. ” Seu companheiro de poltrona esbravejou: “Nada a ver. É diferente. Vai dizer que é igual ao Raulino (Estádio do Volta Redonda)? A conversa se animou e a maioria concordava que o Maracanã tinha um diferencial. O tamanho talvez. “Mas já não é tão grande. Diminuiu tudo. Até o campo. ” Um dos garotos mencionou. Como tão logo começaram a cantar retornei às poltronas mais à frente a fim de localizar Sr. Nilson. Conversamos um pouco mais sobre assuntos do futebol até que seu companheiro de poltrona entrou na conversa. Aproveitei para entrevistá-lo. Orlando é bancário e estava de férias. Aproveitou para ver o retorno do Barra Mansa à primeira divisão do estadual. Também se mostrava contente em poder voltar ao Maracanã. Sua primeira vez foi ainda nos anos 1980 para ver o seu Vasco de Roberto Dinamite.

Esperava encontrar um estádio bonito. Não muito parecido com aquele de tempos atrás. Tem mais saudade do seu time com bons resultados.

Chegamos ao Maracanã antes das 21h e logo nos dirigimos ao nosso setor Sul, destinado à torcida visitante, já que a torcida do Flamengo ocupa o setor Norte. A torcida do Barra Mansa foi proibida de adentrar ao estádio com os instrumentos musicais que levavam. Algumas faixas e bandeiras também foram barradas e tiveram que voltar ao bagageiro do ônibus. Sr. João Viana, que a todo o tempo estava próximo aos torcedores mais jovens da organizada, de pronto acatou a ordem de um policial que deu a escolha dos materiais ficarem retidos com a polícia até o fim do jogo ou voltar com os mesmos. O estádio estava bem vazio. Com os setores laterais praticamente sem nenhum torcedor. Com o passar do tempo mais de 14.400 rubro-negros ocupavam as arquibancadas atrás do gol à direita das cabines de transmissão. Procurei por Magno e o encontrei com a pequena câmera a tira colo fazendo suas fotografias.

- E aí, era como esperava? Perguntei.

É bem bonito. Achava que era maior. De fora parece ser muito maior. Mas é “gigante” mesmo. Mas acho que eu queria estar do lado de lá. Pra mim teria mais gente. Está meio vazio.

Deixei o rapaz com sua câmera, celular, alguns colegas da torcida, além de sua vontade de passar ao outro lado e me aloquei próximo a Sr. João, que estava contente de estar ali.

Ó, bem bonito mesmo. Já liguei para minha mulher e está tudo bem lá. Vamos ver o que vai dar. “Vamos Barra Mansa”!

Diante de uma torcida bem maior e mais ruidosa – mas ainda assim pequena – a organizada do Leão do Sul não conseguia ecoar seus tímidos cantos de incentivo pelo estádio. Calou-se ainda mais ao primeiro gol rubro-negro e tornaram-se meros espectadores da partida quando o placar marcou 2x0. Alguns, como o Orlando e Nilson, foram dar uma volta pelas dependências do Maracanã. Eu observava aquela jovem torcida e me sentei próximo a eles. Perguntei o que tinham achado e foram unânimes em elogiar o Estádio.

Ao fim da partida o Flamengo já havia marcado quatro vezes, contra nenhum do Barra Mansa F.C. Mas no retorno ao ônibus nada de desolação, o resultado parecia ser esperado por todos ali presentes. João, Nilson, Orlando e o jovem Magno elogiavam o “*New Maracanã*”. Segundo eles era confortável, com tudo novo e conservado. A iluminação com as cores do clube mandante do jogo também mereceu atenção de Magno. Naquele dia as cores rubro-negras iluminavam a cobertura branca do estádio que substituiu a antiga marquise de concreto. Essa os barra-mansenses, à exceção de Orlando, não chegaram a observar de perto.

3 Conclusão

O Maracanã é de fato ainda muito simbólico para todo torcedor. Mesmo com as constantes descaracterizações que atingiram sim o *modus* torcedor de outrora, ele ainda é uma peça importante para o futebol brasileiro. De fato, muitos torcedores não o consideram o estádio de antigamente, e realmente aquele Maracanã ficou no passado. Hoje ele se faz memória. O estádio refeito para a Copa do Mundo 2014 já não pode ser chamado de “o *Colosso do Derby*”, muito menos de “o maior do mundo”. Essas alcunhas não serão mais encontradas nos jornais do nosso tempo. Elas ficaram no período pré-Copa. Se em 1950 ele foi construído para uma Copa do Mundo, seu desfazimento também o foi para o mesmo evento, sessenta e quatro anos depois. O discurso de que o Maracanã é por ora um estádio “sem alma”, “frio” e que não reflete a cidade do Rio pode ser refeito a partir do argumento de que o estádio moderno reflete essa era “pós-moderna” na qual vivemos. A cidade refeita para os grandes-eventos é a cidade da grande especulação financeira, do discurso da mobilidade

urbana tão necessária após longo período de deslocamento de populações inteiras para os lugares mais distantes do centro da cidade. A cidade olímpica é também a cidade da exclusão. Uma contradição, já que “reza o senso comum”, ser o esporte o agregador de valores e de cidadania.

4 Referências Bibliográficas

AGIER, Michel. Situações e comunidade: a cidade em movimentos. In:_____. **Antropologia da cidade**: lugares, situações, movimentos. São Paulo: Terceiro Nome, 2011.

AGOSTINO, Gilberto. Futebol, mundialização e mídia. In: _____. **Vencer ou morrer**: futebol, geopolítica e identidade nacional. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

ALVITO, Marcos. A madeira da lei: *gerir* ou *gerar* a violência nos estádios brasileiros. In: BUARQUE DE HOLLANDA, Bernardo (Org). **Hooliganismo e Copa de 2014**. Rio de Janeiro: 7letras.

BORJA, Jordi. Revolución y contrarrevolución em la ciudad global. **Revista geográfica de Geografía y Ciencias Sociales**, 2005, v. 10, nº 578.

BOTELHO, André Ricardo M. Da Geral à Tribuna, da redação ao espetáculo: a imprensa esportiva e a popularização do futebol (1900-1920). In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da (Org.) **Memória social dos esportes**. Futebol e política: a construção de uma identidade nacional. Rio de Janeiro: Mauad X, 2006.

BUARQUE DE HOLLANDA, Bernardo. **O clube como vontade e representação**. O jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 7letras, 2010.

CURI, Martin. A disputa pelo legado em megaeventos esportivos no Brasil. **Horizontes Antropológicos**. n. 40. p. 65-88, 2013.

DAMO, Arlei Sander. O Brasil no horizonte dos megaeventos esportivos de 2014 e 2016: sua cara, seus sócios e seus negócios. **Horizontes Antropológicos**. n. 40. p. 19-63, 2013.

_____. O desejo, o direito e o dever. A trama que trouxe a Copa ao Brasil. **Movimento**. n. 02. p. 41-81, 2012.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Comentários sobre a sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

ELIAS, Norbert. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

_____. **O processo civilizador**. 2 vol. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

GAFFNEY, Christopher. Mega-events and sócio-spatial dynamics in Rio de Janeiro. **Journal of latin american geography**. n.1, v.9, 2010.

GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol**. Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões. São Paulo: Nova Alexandria, 1999.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. 2.ed. São Paulo: Centauro, 2006.

HOBBSAWM, Eric. A invenção das tradições e A produção em massa das tradições. In. _____ (Org.). **A invenção das tradições**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

HOLANDA, Frederico. **O espaço de exceção**. Brasília: UNB, 2002.

JESUS, Gilmar Mascarenhas de. Construindo a cidade moderna: a introdução dos esportes na vida urbana do Rio de Janeiro. **Estudos históricos**. n. 23, v. 13, 1999.

_____. **Entradas e bandeiras**: a conquista do Brasil pelo futebol. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2014.

MURAD, Maurício. **A violência no futebol**. São Paulo: Benvirá, 2012.

_____. **A violência e o futebol**: dos estudos clássicos aos dias de hoje. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2007.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**. v. 10, 1993.

PEARSON, Geoff. **An Ethnography of English Football Fans**: cans, cops and carnivals. Manchester: Manchester University Press, 2012.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania**. Uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

PRONI, Marcelo Weishaupt. **A metamorfose do futebol**. Campinas: Unicamp, 2000.

SIMMEL, Georg. Sociabilidade: um exemplo da sociologia pura ou formal. In: MORAIS FILHO, Evaristo de. **Simmel**. São Paulo: Ática, 1993.

_____. As grandes cidades e a vida do espírito. In **Revista Mana**, nº 11, vol. 2. p. 577 a 591, Rio de Janeiro, 2005.